

Brasil inicia a renegociação no próximo mês, em Paris

por Alair Barbosa
do Rio

A primeira reunião da próxima rodada de renegociação da dívida externa brasileira será realizada na segunda quinzena de outubro, em Paris. Ao contrário das duas rodadas anteriores, que foram iniciadas nos Estados Unidos, o governo brasileiro preferiu o continente europeu para começar a conversar com os banqueiros, esperando que os europeus influenciem os americanos no sentido de se obterem condições mais favoráveis ao Brasil.

Até agora, os banqueiros internacionais não têm ne-

nhuma indicação concreta sobre os pleitos que o Brasil colocará na mesa de negociação, conforme informações colhidas por este jornal na sexta-feira, no Rio, junto a um diretor de banco estrangeiro que acompanha atentamente todo o processo. E o ponto-chave dessa nova renegociação, em sua opinião, será o volume de recursos novos que o Brasil irá solicitar dos credores internacionais. Na rodada do ano passado, o Brasil conseguiu US\$ 6,5 bilhões, mas estima-se que as necessidades para 1985 serão substancialmente menores.

No caso do México, na vi-

são desse banqueiro, foi possível obter-se condições relativamente suaves — com prazo de 1 ano para pagar e a eliminação de praticamente todas as comissões bancárias —, porque os mexicanos não precisam de novos empréstimos-jumbo para o ano que vem, já que o México conseguiu um equilíbrio consistente nas suas contas externas.

Esse volume de recursos novos, por sua vez, está dependendo de várias definições. Uma delas é quanto ao uso efetivo ou não da linha de crédito colocada à disposição do Brasil pelo Eximbank norte-

americano. Essa linha de crédito, de US\$ 1,5 bilhão, está à disposição dos empresários brasileiros para importar produtos americanos desde o mês passado, mas o seu uso efetivo tem sido pequeno, já que os seus custos são superiores aos de outras alternativas de financiamento existentes no mercado. Na visão desse banqueiro, essa situação poderá alterar-se após o último "pacote" do Conselho Monetário Nacional que estancou os saques de moeda estrangeira no Banco Central, e deverá provocar a elevação dos juros de outras linhas de crédito.